



Editorial

Elias Wolff

A *Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021 (CFE)* está em continuidade com as quatro campanhas da fraternidade ecumênicas anteriormente realizadas, com o objetivo de fortalecer as relações entre as igrejas, religiões, culturas e organizações da sociedade civil, articulando-as em processos de paz e de justiça na sociedade brasileira. O tema *Fraternidade e diálogo: compromisso de amor*, é uma convocação a todas as pessoas para que expressem um amor que seja concreto, vital e fecundo. O fruto desse amor é a criação da fraternidade, fortalecendo a consciência de compromissos comuns que fortalecem a vida de todas as pessoas. E dessas com a criação inteira. O diálogo é, ao mesmo tempo, expressão e conteúdo da fraternidade, o que possibilita o entendimento mútuo entre quem se relaciona fraternalmente, o intercâmbio de afetos, emoções, sentimentos vitais. Entre fraternidade e diálogo há, portanto, uma relação mútua, uma realidade não existe sem a outra.

O lema *Cristo é a nossa paz: do que era dividido fez uma unidade (Ef 2,14)*, é o que dá a razão de fé para a CFE 2021. Na perspectiva cristã, a fraternidade sustenta-se na fé em Cristo, no compromisso com o seu Evangelho do Reino. Ele não apenas dá o dom da paz, mas é a paz. E por isso a paz é característica essencial da vivência cristã: “*Felizes os que promovem a paz*”. É o que assegura a convivência fraterna, na comunidade cristã e na sociedade. Em tempos nos quais percebemos a intensificação de atitudes de injustiça em variadas formas, que geram violências como o preconceito e a discriminação frente às diferenças, dizer-se cristão é assumir compromissos que pacificam a sociedade. Cristo faz a unidade entre as diferenças, é o que possibilita a comunhão. Não condiz com a fé cristã afirmar divisão, seja qual for o motivo.

Isso se faz ainda mais necessário num contexto de pandemia da COVID-19. A sociedade brasileira sofre amargamente, como muitas outras partes do mundo, por causa do coronavírus. As consequências sociais e espirituais da pandemia atingem todas as pessoas, mas de um modo mais agressivo as pessoas mais pobres.

Bem escreveu o papa Francisco em sua mensagem de apoio à CFE 2021, enviada em 17 de fevereiro de 2021:

Precisamos vencer a pandemia e nós o faremos à medida em que formos capazes de superar as divisões e nos unirmos em torno da vida. [...] Neste ano de 2021, com o tema “Fraternidade e diálogo: compromisso de amor”, os fiéis são convidados a “sentar-se a escutar o outro” e, assim, superar os obstáculos de um mundo que é muitas vezes “um mundo surdo”.

Tal é o que se propõe a CFE 2021. Vivida principalmente durante a quaresma, busca incentivar o espírito de conversão que a espiritualidade desse tempo litúrgico propõe. E para isso, é preciso “sentar-se e escutar o outro”, buscar compreensão e acolhida mútuas, caminhando juntos nos caminhos da paz. Isso é condição para a credibilidade do testemunho do Evangelho na sociedade. E no período pandêmico, a conversão requer práticas de solidariedade ainda mais urgentes entre as pessoas e suas comunidades de fé, envolvendo a sociedade como um todo. Assim, fraternidade, diálogo, amor, paz e solidariedade, requerem das igrejas a disponibilidade para assumirem de forma convicta o que propõe o *objetivo geral* da CFE 2021:

Através do diálogo amoroso e do testemunho da unidade na diversidade, inspirados e inspiradas no amor de Cristo, convidar comunidades de fé e pessoas de boa vontade para pensar, avaliar e identificar caminhos para a superação das polarizações e das violências que marcam o mundo atual.

A *Campanha da Fraternidade* não se encerra com o período quaresmal. Esse período é apenas o início do aprofundamento da consciência do seu valor, mas ela é constante na vida das Igrejas. Em muitas regiões do Brasil, projetos de concretização da CFE contemplam a agenda das igrejas e de organizações ecumênicas durante todo o ano. E buscando favorecer a continuidade da CFE 2021, o presente número da revista *Caminhos de Diálogo* apresenta estudos que buscam aprofundar a sua compreensão e os seus compromissos. Na seção *Dossiê*, Raquel de Fátima Colet reflete sobre *A dimensão pedagógica do diálogo: encontros e reencontros no caminho de uma fraternidade sororal*. Vinculando espiritualidade e saúde, o artigo mostra como a ciência precisa fazer uma abordagem integral do ser humano, contemplando sua dimensão espiritual como importante no enfrentamento das doenças e do sofrimento. Breno Martins Campos e Lindolfo Alexandre de Souza mostram *Avanços e recursos do ecumenismo na América Latina: a Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021 em questão*. Os autores indicam que o diálogo ecumênico no continente faz uma “caminhada não linear, com avanços e recuos”. Analisam posturas de oposição à CFE 2021, e como esse fato expressa dissenso em relação às orientações ecumênicas das igrejas, notoriamente nos meios católicos. Helmut Renders analisa *O(s) cartaz(es) da Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021: uma leitura das suas narrativas*. Num estudo sobre o cartaz como meio de comunicação, mostra as expressões visuais das discussões sobre a CFE 2021, a favor e contra, com destaque para a originalidade do tema, sua perspectiva cristo-elesiocêntrica e sua utopia. Romi Márcia Bencke escreve *Sobre o que precisamos conversar pelo caminho? Campanha da Fraternidade*

Ecumênica em tempos de fundamentalismos: aprendizados e desafios para o movimento ecumênico. Reflete sobre as tensões vividas em torno da CFE 2021, buscando compreender a conjuntura interna das igrejas que a propõe, o movimento ecumênico e a sociedade brasileira.

Na seção *Artigos*, Gisela Isolde Waechter Streck e Giorlando Laranjeira Barbosa escrevem sobre *A ética do cuidado de si: ensaio sobre um paradigma de discernimento e convivência*. Buscam fomentar um sistema ético, inserindo a pessoa, com suas decisões e ações, na promoção da justiça na relação eu-tu-nós. Rey Ty, em *From fear to siblinghood, compassion, and love: the role of the faith communities in the time of the coronavirus pandemic*, apresenta como as igrejas na Ásia responderam à pandemia em relação aos trabalhadores migrantes e à segurança alimentar. César Andrade Alves, em *Muhammad Hamidullah on the Islamic theology of revelation: topics for a discussion on comparative theology*, escreve que o intercâmbio teológico é visto como uma das quatro formas do diálogo, como proposto pelo magistério católico. E o tema da revelação se apresenta como de fundamental importância no diálogo com os muçulmanos, tendo como central as pesquisas sobre cristologia. Elias Wolff e Tiago Trevisan escrevem sobre *O Ensino Religioso e a Laudato si': perspectivas e possibilidade*”, relacionando a fé cristã e o cuidado da casa comum, e propondo elementos para a responsabilidade de toda formação religiosa com as questões ecológicas do nosso tempo. Valdir Stephanini e Julio Cesar de Paula Brotto escrevem sobre *Os batistas brasileiros e o ecumenismo: avanços e retrocessos*. Analisando o atual pluralismo religioso, perguntam sobre como batistas ligados à Convenção Batista Brasileira situam-se nesse contexto religioso plural do nosso tempo. E Joancio Fernando Bauwelz apresenta o *Relato de pesquisa sobre Laboratório de diálogo ecumênico e inter-religioso na Diocese de Ponta Grossa, Paraná*. Traz pesquisa realizada no triênio de 2018 a 2020, sobre as motivações e iniciativas de formação para o diálogo ecumênico e inter-religioso na Igreja local. O presente número da *Caminhos de Diálogo* apresenta, ainda, uma *Recensão*, escrita por Suzana Terezinha Matiello, da obra *Águas para a vida! Apelo aos povos e seus credos*, organizada por Elias Wolff, e *Crônicas*.

Esperamos contribuir para que leitores(as) se sintam mais incentivados a darem continuidade à CFE 2021, fortalecendo em seu cotidiano relações de “fraternidade e diálogo: compromisso de amor”. ✨